

CAPÍTULO 09 –

ARQUEOLOGIA - VESTÍGIOS HUMANOS DE OUTROS TEMPOS

Simone Aparecida de Almeida

Jéssica Aparecida Prandel

Pollyne Teixeira de Lara

A Arqueologia é a ciência que realiza o estudo da cultura e os modos de vida da espécie humana no passado, por meio dos objetos e vestígios materiais que as diferentes sociedades tenham deixado tais como utensílios, armas, pinturas ou edificações. A arqueologia se dedica então, às civilizações e culturas já extintas, pela interpretação dos restos materiais e até mesmo das intervenções feitas pelo ser humano no meio ambiente. As atividades envolvem trabalhos de escavações e análise da informação recolhida, para uma melhor compreensão sobre o passado humano. Um simples objeto pode revelar o pensamento, os valores e características da sociedade a que pertenceu.

Existe alguma confusão (além de superposição) entre arqueologia e paleontologia, já que ambas estudam vestígios do passado. Enquanto a arqueologia busca entender como viveram as sociedades anteriores à nossa e as informações ligadas ao ser humano, com ênfase em aspectos culturais, a paleontologia se preocupa em reconstituir informações sobre todos os organismos (extintos e atuais), ao longo da história da vida e incluindo a espécie humana, entendida como mais um dos elos da longa cadeia evolutiva da vida no planeta Terra. Considerado o tempo geológico, a arqueologia concentra-se nos últimos milhares de anos, diferentemente da paleontologia que alcança intervalos de milhões a bilhões de anos.

O projeto “Geodiversidade na Educação” apresenta um setor da exposição que procura focar vários aspectos da arqueologia. Cerâmicas e artefatos líticos preservados de povos antigos, que viveram no território paranaense antes da

chegada dos europeus, ilustram o entendimento que temos de um passado remoto (em termos humanos; ver capítulo 3) e de nossos antepassados.



Artefato lítico utilizado para moagem entalhado

em diabásio – Piên – PR.

Coleção: J. de Lima. Imagem: Raony.

Há uma grande variedade de objetos utilizados para a sobrevivência de determinado povo em seu tempo, com matérias-primas características de certas regiões. Cada época caracterizou-se por uma determinada tecnologia e sua superação se deu por um avanço técnico. Foi assim com o uso de pedras lascadas, que com o tempo passaram a ser polidas e com a revolução conceitual que representou, a seu turno, o uso do cobre, ferro e demais metais.

Quanto aos objetos líticos - geralmente os representantes mais antigos da atividade humana - encontram-se em diferentes formas, conforme seu uso: para moer (mós, mãos de pilão), bater (batedores, martelos), cortar (facas), perfurar (flechas, furadores), talhar (machados, enxós), e ainda na forma de seixos (adornos) ou como pigmentos minerais. Para cada uso corresponde um tipo determinado de rocha ou mineral, de acordo com suas propriedades físicas.



Afiador lítico em arenito (tradição Itararé – Taquara) datado de cerca de 4.000 anos, proveniente de Ivaí – PR.

Coleção: Liccardo. Imagem: Raony.



Ponta de projétil em sílex proveniente de Ivaí, PR.

Coleção: Liccardo. Imagem: Raony.

A distribuição dos materiais encontrados sobre o espaço físico está relacionada com as condições geográficas. A princípio, enquanto havia uma forte dependência da pedra como matéria-prima e com a limitação tecnológica, os antepassados eram nômades, buscando alimento, água e abrigo em diferentes lugares. Este tipo de registro arqueológico é atribuído aos “coletores-caçadores”, indicando toda a tecnologia e atividade que cercava os seres humanos da época. Já para o uso de cerâmica, por exemplo, supõe-se um salto tecnológico, em que o ser humano deixa o nomadismo e assenta-se em grupos, próximo a áreas de fácil acesso a recursos naturais para sobrevivência. O domínio do fogo e a agricultura são associados a este período e as culturas deste nível tecnológico são conhecidas como “ceramistas”. Registros de culturas ceramistas em geral são posteriores aos de caçadores-coletores.

O estudo arqueológico consiste em analisar, também, os símbolos e seus significados, particularmente objetos criados pelo trabalho humano e a técnica utilizada em sua fabricação - o que permite interpretações variadas sobre a presença humana em determinado espaço. Até mesmo variações climáticas ou ambientais podem ser apreendidas do estudo arqueológico e o estilo de vida que os vestígios apontam.

No Brasil, há uma quantidade muito grande de sítios arqueológicos, associados a vários tipos de ambiente e a vários períodos de tempo. De maneira genérica, pode-se dividir a arqueologia na maior parte das regiões brasileiras em pré-colonial e histórica. A primeira refere-se aos vestígios dos povos anteriores à ocupação europeia e a segunda aos remanescentes de nossa história, a partir do século XVI.

Em relação à região dos Campos Gerais, os estudos revelaram que os primeiros centros habitados se encontravam em vales das bacias dos rios Ribeira, baixo Rio Iguaçu e médio Rio Tibagi, sendo a disponibilidade dos recursos naturais, como a proximidade com a água, terras férteis e a presença de mata, os fatores determinantes para seu desenvolvimento. Os elementos encontrados nestas áreas evidenciaram a presença de uma cultura nômade que utilizava da transformação dos materiais primários (rochas e minerais) em objetos para uso próprio. Entre os artefatos encontrados são comuns armamentos com pontas projéteis pedunculadas, triangulares ou foliáceas, variedades em raspadores, lascas, furadores e percutores, talhadores, buris, grandes bifaces, lâminas polidas de machado, polidores e picões. Além dos artefatos, são frequentes nos Campos Gerais os abrigos-sob-rochas e cavernas, boa parte das vezes estes

sítios arqueológicos representando a fonte destes artefatos. Posteriormente, por volta de 4.000 anos atrás, encontram-se registros de culturas que construíam estruturas subterrâneas e elaboravam peças em cerâmica.



Pontas de projéteis em sílex (tradição Umbu) com idade de até 10.000 anos procedentes de Ivaí, PR. Coleção: Laboratório de Geologia. Imagem: Raony

A relação dos elementos arqueológicos e a forma de representação do espaço dos Campos Gerais, dentro do campo geográfico, proporciona um melhor conhecimento sobre os diferentes grupos sociais que se desenvolveram ao longo do tempo nesta região. A tecnologia e o simbolismo dos materiais líticos, cerâmicos e das pinturas rupestres ilustram as diferentes identidades e tornam visíveis as transformações que foram sendo desenvolvidas sobre o ambiente.



*Estatueta feminina faliforme (réplica), cerâmica marajoara
entre 400 e 1.300 anos, Belém – PA.
Coleção: Liccardo. Imagem: Raony.*



*Cerâmica globular da cultura tairona, procedente de
Sierra Nevada de Santa Marta – Colômbia.
Coleção: Liccardo. Imagem: Raony.*

Sítios arqueológicos com características semelhantes são classificados em “tradições”. No Paraná existem tradições associadas aos povos caçadores-coletores e a agricultores-ceramistas. Na região dos Campos Gerais, as tradições associadas a uma primeira fase, com artefatos líticos lascados e caracterizadas como “caçador-coletores”, são os Paleoíndios, Umbu e Humaitá, além das tradições Planalto e Geométrica, cujos vestígios mais marcantes são as pinturas e gravuras rupestres.

Os primeiros sinais de povoamento no território paranaense remontam a aproximadamente 10 mil anos. Povos nômades nesta época viviam da caça de animais e coletas de frutos e mel. Desde então houve mudanças climáticas e alterações radicais na fauna e na flora, o que teria determinado maior ou menor concentração de sítios arqueológicos na região. Os vestígios atualmente conhecidos apontam algumas fases de ocupação nos Campos Gerais, que são descritas em tradições Paleoíndios, Umbu, Humaitá, Planalto, Geométrica, Itararé-Taquara, Tupiguarani e Neobrasileira (conforme PARELLADA 2007).



Machado lítico em diabásio (Tradição Itararé – Taquara)

com cerca de 4.000 anos, proveniente de Ivai – PR.

Coleção e imagem: Liccardo.

Os registros arqueológicos se dão também a partir das pinturas rupestres, representações simbólicas de povos antigos, que viveram aproximadamente entre 10.000 e 300 anos atrás. No Paraná as pinturas e gravuras rupestres estão associadas às tradições Planalto e Geométrica, que apresentam diferentes estilos e cores na representação.



*Fragmento cerâmico com pinturas geométricas (cultura Tupi-Guarani), com cerca de 1.000 anos, proveniente de Ivaí – PR.
Coleção e imagem: Liccardo.*

No Brasil existem ainda áreas não exploradas e com muitas possibilidades para pesquisas, o que seria de uma riqueza muito grande na valorização da cultura nacional, na compreensão de nosso passado, no reconhecimento das sociedades que já viveram e ainda vivem. A arqueologia se propõe a tentar montar as peças deste quebra-cabeça e possivelmente revelar uma parte de nossa identidade ou registros formadores de uma herança. A exposição de algumas peças no projeto “Geodiversidade na Educação” decorre da enorme curiosidade por este tema e pela riqueza de artefatos líticos e cerâmicos que constituem o acervo. O melhor entendimento deste material pode contribuir para um novo olhar sobre a diversidade cultural e geográfica do passado no Paraná.



Nas pesquisas arqueológicas realizadas em 2009 na Praça Tiradentes, em Curitiba, foram encontrados remanescentes de um antigo calçamento a mais de 1 metro de profundidade. Nas investigações sobre a procedência das rochas deste pavimento, amostras foram estudadas para averiguar se eram as mesmas das Ruínas São Francisco. As análises apontaram que as Ruínas são compostas predominantemente por metagranitoides com veios de quartzo e epidoto (imagem acima), enquanto que os pavimentos da Praça são muito heterogêneos, compostos entre outros por metarcósios como da amostra abaixo. Amostras do Laboratório de Geologia. Imagens Liccardo.

